



A cura do homem da mão seca e a resposta de Jesus ao legalismo religioso: um mergulho em Mc 3,1-6

The cure of the man with the dry hand and Jesus' response to religious legalism: a dive into Mk 3,1-6

André Ribeiro Bandeira

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar a perícopes de Mc 3,1-6, que narra a cura do homem da mão seca em uma sinagoga, buscando evidenciar a resposta de Jesus ao legalismo religioso de sua época. O episódio da cura do homem da mão seca, narrado no Evangelho segundo Marcos, traz uma mensagem impactante ao leitor de todos os tempos, pois a reflexão acerca do legalismo religioso atravessa os séculos. Nesta passagem, Jesus é observado por seus adversários fariseus e herodianos, e suas ações, por caminharem na contramão do pensamento religioso de sua época, encontram muita resistência. O milagre realizado apresenta uma preciosidade pedagógica característica das ações do Senhor na obra marcana, pois o autor busca evidenciar seu ensinamento através do testemunho concreto. Este estudo, essencialmente bibliográfico, apresenta como síntese do ministério de Jesus no Evangelho segundo Marcos, o caráter restaurador das ações do messias. Estender a mão ao próximo é uma ação que possibilita ao homem de todos os tempos não deixar que seu coração apodreça e possibilita a permanência dele na presença do Senhor. Jesus é aquele que foi enviado para restaurar a relação entre Deus e os seres humanos, a partir da orientação para o amor mútuo.

Palavras-chave: Evangelho segundo Marcos. Legalismo religioso. Fariseus. Herodianos. Jerusalém.

Abstract

The objective of this article is to analyze the pericope of Mk 3,1-6, which narrates the cure of a man with a dry hand in a synagogue, seeking to evidence Jesus' response to the religious legalism of his time. The episode of the cure of the man with a dry hand, narrated in the Gospel according to Mark, brings an impactful message to the reader of all times, as the reflection on religious legalism crosses the centuries. In this passage, Jesus is observed by his opponents Pharisees and Herodians, and his actions, for going against the religious thought of his time, meet much resistance. The miracle performed presents a pedagogical preciousness characteristic of the Lord's actions in the Marcan work, as the author seeks to evidence his teaching through concrete testimony. This essentially bibliographical study presents, as a synthesis of the ministry of Jesus in the Gospel according to Mark, the restorative character of the actions of the Messiah. Reaching out to others is an action that enables the man of all times not to let his heart rot and allows his permanence in the presence of the Lord. Jesus is the one who was sent to restore the relationship between God and human beings, based on the guidance of mutual love.

Keywords: Gospel according to Mark. Religious legalism. Pharisees. Herodians. Jerusalem.

Introdução

O Evangelho segundo Marcos comumente é desconsiderado quando comparado aos outros evangelhos sinóticos ou ao Evangelho segundo João. A razão de ser desta falta de olhar para a obra marcana pode ser compreendida quando o texto é lido e apreciado apenas pela sua capacidade de preencher lacunas históricas ou satisfazer o entendimento acerca de questões marginais que parecem surgir a todo momento. O Evangelho segundo Marcos não prepara o leitor para adentrar suavemente no relato e nem lhe dá consolo ao finalizar sua obra, pois não apresenta os relatos do nascimento e nem as aparições do Ressuscitado, mas parece ser uma obra completamente voltada para o essencial: o *querigma*.

Neste ensejo, este trabalho pretende analisar uma perícopa ainda no começo desta obra, no qual é apresentado o ministério de Jesus na Galileia. Sua relevância está no fato de a Galileia ser o lugar privilegiado da ação de Jesus, segundo Marcos. Essa importância fica mais clara quando se observa a mensagem do jovem às mulheres que vão ao sepulcro onde o corpo de Jesus

havia sido sepultado; ele diz: “Procurais Jesus de Nazaré, o Crucificado. Ressuscitou, não está aqui. Vede o lugar onde o puseram. Mas ide dizer aos seus discípulos e a Pedro que ele vos precede na Galileia. Lá o vereis, como vos tinha dito” (Mc 16,6-7). Foi preciso que os discípulos daquele tempo, mas também os deste tempo, façam a experiência de ir à Galileia se encontrar com o Mestre e revisitar seus ensinamentos; sendo assim, o relato inicial do capítulo três deste Evangelho pode apontar elementos essenciais da mensagem de Jesus, sempre necessários para uma experiência autêntica de seguimento.

No relato da cura do homem da mão seca, ponto focal deste texto, a tensão entre Jesus e o grupo religioso judeu dos fariseus cresce e estabelece as bases para o clímax da paixão e morte do Senhor. Frente ao legalismo religioso apresentado por este grupo judeu, o Nazareno confronta-os através de suas ações milagrosas, pois como é característico deste Evangelho, o testemunho deve falar mais alto que as palavras.¹

Este artigo está dividido em dois capítulos. O primeiro tem como objetivo apresentar os elementos basilares para compreensão do evangelista, e de sua obra como um todo, e o segundo apresentará uma reflexão teológica acerca do conteúdo central da perícopes Mc 3,1-6.

1. O contexto do Evangelho segundo Marcos

Neste capítulo, tentar-se-á levantar os pontos essenciais para que se possa compreender a obra marcana e, assim, possibilitar uma leitura honesta da perícopes assinalada por este trabalho. Sendo assim, uma apreciação sobre o gênero literário, lugar de composição, autoria, data de composição, destinatários, fonte e estrutura da obra é de importância ímpar para uma boa interpretação do texto em questão.

1.1. Visão geral da obra

O Evangelho segundo Marcos foi o primeiro texto pertencente a este gênero literário a ser escrito, porém não a primeira obra do Novo Testamento. Num primeiro momento, não existia entre as comunidades uma inclinação a uma catequese via textos, mas sim à uma catequese oral. Com o passar do tempo, contudo, as comunidades foram criando e catalogando pequenos textos

¹ GOMES, R. M., Marcos, p. 20.

sobre Jesus para ajudar na catequese, fazendo assim uma transição que marcará a história do cristianismo: da memória oral para o texto.²

O Evangelho segundo Marcos não foi uma obra do acaso, mas um trabalho ativo do autor que recolheu composições já existentes sobre feitos e palavras de Jesus e as reuniu em um esquema bem articulado. Contudo, percebe-se, ao longo da história do cristianismo, uma atitude controversa a tais constatações, pois este Evangelho foi considerado uma produção pobre e carente dos conteúdos essenciais que poderiam ser encontrados nos outros três evangelhos.³

Na medida em que os estudos bíblicos ganharam nova força e alcançaram novas perspectivas, principalmente a partir do método histórico-crítico, surge um novo olhar sobre o Evangelho segundo Marcos e sua aparente pobreza e sobriedade passaram a atrair a atenção dos biblistas. Tendo a cristologia como aspecto central em seu plano geral, encontra-se na obra uma grande tensão entre Jesus, com toda sua mensagem inovadora e cheia de força missionária, e a comunidade religiosa, cheia de dúvidas e dificuldades.⁴ Na trajetória narrativa, o aspecto dramático evocado pela tensão entre esses dois personagens, juntamente com os quadros geográficos que vão sendo organizados pelo autor desejam alcançar um objetivo principal: revelar quem é o Messias, assegurando que a paixão, morte e ressurreição fazem parte de sua identidade.⁵

1.2. Gênero Literário

Entre os primeiros escritos cristãos, havia alguns que levavam o nome de evangelho e não pertenciam à mesma categoria literária que a encontrada em Marcos.⁶ Assim, para se entender o significado de evangelho enquanto gênero literário, pode-se começar pela leitura de Mc 1,1: “Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus”. Duas são as possibilidades de interpretação deste trecho: a primeira seria uma significação de que evangelho seria o anúncio que Jesus-sujeito faz, ou seja, a boa-nova proclamada por ele; a segunda seria que evangelho seria o relato no qual este Jesus, que anuncia a boa-nova, é o objeto, ou seja, o evangelho sobre Jesus Cristo.⁷

² BORTOLINI, J., O Evangelho de Marcos, p. 9.

³ FABRIS, R., O Evangelho de Marcos, p. 423.

⁴ FABRIS, R., O Evangelho de Marcos, p. 425.

⁵ GOMES, R., M., Marcos, p. 16-17.

⁶ COLLINS, A. Y., Mark, p. 15.

⁷ COMBET-GALLAND, C., O Evangelho Segundo Marcos, p. 45.

A ambivalência do termo em questão permite buscar um significado relativo nos textos cristãos anteriores a Marcos e perceber que Paulo o usava com o intuito de anunciar os planos de salvação de Deus que foram proclamados pelos profetas e realizados através da morte e ressurreição de Cristo. “Evangelho de Deus” (1Ts 2,2.8.9) é uma expressão utilizada pelo autor e busca qualificar Deus como autor do evangelho, mas não que seja Deus que esteja anunciando a boa-nova diretamente.⁸

A mesma expressão aparece um pouco adiante na narrativa marcana, mais precisamente no final do prólogo, fazendo com que a ambiguidade que seria consertada por Paulo fosse novamente colocada em questão por Marcos: “Depois que João foi preso, veio Jesus para a Galileia proclamando o Evangelho de Deus: ‘Cumpru-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho’” (Mc 1,14-15). Portanto, é preciso que seja uma questão deixada em aberto, na qual ambas as possibilidades de interpretação possam fluir livremente sem uma implicação concreta. Neste estilo literário, Jesus não é apenas o objeto, mas também o sujeito que proclama a boa-nova.⁹

O evangelho de Deus torna-se presente na vida de Jesus e se torna próximo através de suas parábolas e milagres, porém não pode ser encaixotado por eles, do contrário a questão sobre a boa-nova seria caso encerrado na história e não perpetuar-se-ia pelos séculos.¹⁰

1.3. Lugar de composição e destinatários

Irineu de Lião, em sua obra “Contra as heresias” escrita por volta de 180 d.C., ao tratar da origem apostólica da tradição pode conferir um dado importante para este tópico. Sua indicação do autor do Evangelho como sendo discípulo e intérprete de Pedro após conferir a localização do chefe da comunidade primitiva junto a Paulo em Roma,¹¹ constitui um indício para a crítica moderna de que este seria o lugar de composição do Evangelho. De acordo com elementos externos ao texto, parece que foi escrito em Roma; já de acordo com elementos internos ao texto, dá-se a entender que foi escrito mais a leste, por exemplo, nas passagens onde menciona o mar da Galileia, sua menção não corresponde aos nomes gregos ou latinos para a situação geográfica mencionada, e sim a um vocabulário hebraico e

⁸ COMBET-GALLAND, C., O Evangelho Segundo Marcos, p. 45.

⁹ COLLINS, A. Y., Mark, p. 16.

¹⁰ COMBET-GALLAND, C., O Evangelho Segundo Marcos, p. 46.

¹¹ IRINEU DE LIÃO, Contra as heresias, p. 119.

aramaico.¹² A teoria de Irineu, contudo, pode ser encontrada em um testemunho anterior escrito por Pápias, aproximadamente no ano de 150 d.C., e tornado acessível através de uma citação feita por Eusébio de Cesaréia.¹³ A hipótese de o local de composição ter sido Roma permanece como mais privilegiada.

A incerteza acerca do local de composição encontra continuidade em relação aos destinatários deste Evangelho. Sua compatibilidade de possíveis audiências transita, principalmente, entre as comunidades de Roma e Antioquia, pelas características que podem ser encontradas nos dados do texto, o que pode levar à conclusão de que o evangelista teria mais de um alvo ao escrever o texto.¹⁴ Isso pode ser identificado através da ausência de um desdobramento aprofundado sobre a Torá, como pode ser visto no Evangelho segundo Mateus, levando-se a pensar em uma comunidade de pagãos-cristãos como destinatária do escrito marcano.¹⁵

Brown encontra no Evangelho segundo Marcos uma forte ênfase na falha dos discípulos em compreenderem a prisão de Jesus e isto faria pensar que Marcos escreve para uma comunidade que viveu uma perseguição e falhou. Mesmo que houvesse diversos locais onde os cristãos foram perseguidos, Roma é conhecida por ter vivido uma grande perseguição no tempo de Nero, o que faria a comunidade romana a destinatária principal da obra marcana. Além disso, a presença de latinismos poderia sugerir que o destino seria um local onde o latim era falado, mas também a forma como termos aramaicos são traduzidos dão a entender que o público-alvo não conhecia essa língua.¹⁶ De forma correlata ao local de composição, a hipótese de os destinatários serem romanos é a mais privilegiada, mesmo se as características deste público-alvo possam ser encontradas em outras comunidades cristãs.

1.3. Autoria e data de composição

A tradição a respeito do autor do Evangelho segundo Marcos é marcada por informações do final do segundo século. Pápias identifica o autor como um intérprete de Pedro¹⁷, e esta informação concordaria com um testemunho de Irineu, porém, como se daria essa função de intérprete e o que significaria essa informação a respeito do autor?

¹² COLLINS, A. Y., Mark, p. 7-10.

¹³ PÁPIAS DE HIERÁPOLIS, Os dois primeiros evangelhos, p. 154.

¹⁴ COLLINS, A. Y., Mark, p. 96-102.

¹⁵ COMBET-GALLAND, C., O Evangelho Segundo Marcos, p. 62.

¹⁶ BROWN, R. E., An Introduction to the New Testament, p. 161-163.

¹⁷ PÁPIAS DE HIERÁPOLIS, Os dois primeiros evangelhos, p. 154.

Intérprete poderia largamente indicar duas possibilidades: a primeira seria de que Pedro falava aramaico e então Marcos traduziu suas pregações para o grego; a segunda, e mais provável *link* feito por Pápias, seria de que, por Marcos não ser uma testemunha ocular, dependeu da pregação de Pedro e, assim, ordenou aquilo que escutou em seu próprio texto. O texto dá a impressão de não ter sido traduzido do aramaico e sim ter dependido de tradições gregas, além disso, as confusões acerca da geografia palestina colocam muitos questionamentos.¹⁸

Toda esta questão permanece em aberto, justamente, porque o evangelista nem diz o seu nome e nem fala na primeira pessoa, como Lucas por exemplo em Lc 1,1-4. Contudo, por elementos textuais linguísticos e estilísticos, a hipótese mais aceita entre os estudiosos é a de que Marcos é um judeu-cristão. Alguns o identificam com João Marcos (At 12,12), que acompanhou Paulo (At 13,5; Cl 4,10; Fm 24) e foi discípulo de Pedro (1Pd 5,13). Assim ficaria confirmada a teoria de que Marcos havia escrito seu evangelho depois da morte de Pedro em Roma.¹⁹

O evangelista não fornece nenhuma indicação temporal específica do período em que compôs a obra, como também em relação a si mesmo e ao lugar de sua composição.²⁰ Por outro lado, no capítulo 13 do Evangelho há uma referência que pode ser utilizada para sua datação, pois, neste capítulo, o evangelista relata num tom apocalíptico o discurso acerca do fim dos tempos a partir da destruição do Templo de Jerusalém.²¹ Outro indicador para aproximar a datação da obra seria o fato de que se Marcos foi usado, independentemente, por Mateus e Lucas, e esses foram escritos entre 80 e 90 d.C., aquele teria sido composto em uma data não posterior a 75 d.C.²²

1.4. Estrutura da Obra

Como se descobre em diversos aspectos desta obra marcana, o autor não parece deixar muitos rastros de sua identidade, nem de onde escreve e nem para quem escreve. O mesmo não pode ser dito quanto à estrutura do texto, pois o Evangelho parece sugerir e dar indícios de pontos marcantes nesta jornada hipotética.²³

Os estudiosos divergem sobre a forma que o Evangelho pode ser dividido, porém não há apenas uma estruturação possível. A escolha de um mapa para guiar o

¹⁸ BROWN, R. E., *An Introduction to the New Testament*, p. 160.

¹⁹ GNILKA, J., *Marco*, p. 27-29.

²⁰ MASCILONGO, P., *Il Vangelo di Marco*, p. 8.

²¹ COMBET-GALLAND, C., *O Evangelho Segundo Marcos*, p. 61.

²² BROWN, R. E., *An Introduction to the New Testament*, p. 164.

²³ MASCILONGO, P., *Il Vangelo di Marco*, p. 15.

leitor em seu percurso marcado não deve ser considerado uma invalidação dos outros mapas, apenas uma escolha baseada nos critérios do pesquisador.²⁴

Bortolini traça uma visão geral da estrutura do Evangelho segundo Marcos que será utilizada nesta pesquisa justamente por seu caráter não excludente de outras possibilidades. Em sua visão, a obra marcada deve ser vista como uma montanha a ser atravessada subindo de um lado e descendo pelo outro lado, conferindo assim uma variedade de leituras e alegorias que poderiam ajudar o leitor a mergulhar com maior profundidade neste caminho árduo e desafiador do conhecimento de Jesus. Bortolini então define uma primeira parte como a subida (Mc 1,1–8,26), inicia-se a segunda parte quando se alcança o topo (Mc 8,27–16,8) e se começa a descer (Mc 8,31), alcançando o final (Mc 16,1-8) e recebendo a mensagem para voltar ao início de tudo na Galileia.²⁵

Sendo assim, um entrelaçamento com a definição estrutural de Mascilongo,²⁶ pode dar uma visão melhor sobre essa divisão. Tomar-se-á a divisão de pontos deste autor, mas tendo como base a definição inicial de Bortolini.

Subindo a montanha:

Prólogo e introdução: 1,1-15

Primeira parte: com os discípulos na busca da identidade de Jesus: 1,16–8,30

Seção 1: Jesus e os discípulos na Galileia: 1,16–3,6

Seção 2: Jesus com os doze e o retorno a Nazaré: 3,7–6,6

Seção 3: Jesus, os discípulos e o pão: 6,7–8,30

Topo da montanha:

Segunda parte: com os discípulos a caminho da cruz: 8,31–10,52

Descendo da montanha:

Terceira parte: em Jerusalém: 11,1–16,20

Seção 1: palavras e ações de Jesus em Jerusalém: 11–12

Seção 2: o discurso escatológico: 13

Seção 3: o relato da paixão: 14–15

Seção 4: os dois relatos da ressurreição: 16

Nesta seção, conhecer os nuances do Evangelho segundo Marcos é fundamental para os degraus posteriores em que se pretende avançar. Neste estilo literário, Jesus é apresentado como aquele que proclama e aquele que é proclamado como Boa Nova; a comunidade-destino deste escrito é, provavelmente, aquela presente em Roma, formada por pagãos-cristãos; seu

²⁴ MASCILONGO, P., *Il Vangelo di Marco*, p. 16.

²⁵ BORTOLINI, J., *O Evangelho de Marcos*, p. 12-13.

²⁶ MASCILONGO, P., *Il Vangelo di Marco*, p. 17.

autor é identificado como um judeu-cristão, intérprete de Pedro que havia composto a obra aproximadamente no ano 70.

2. A resposta de Jesus ao legalismo religioso em Mc 3,1-6

Neste segundo capítulo, aprofundar-se-á, no contexto da perícopes escolhida dentro do Evangelho segundo Marcos, nos elementos que orientam o leitor a encontrar chaves que proporcionem uma compreensão mais assertiva sobre o tema central do trecho que será estudado. O contexto da perícopes Mc 3,1-6 na obra marcana e sua teologia serão tratados aqui, juntamente, com a sua devida atualização hermenêutica, reconhecendo as implicações para o ser humano do hoje da história.

Depois de uma apresentação acerca de pontos importantes para o entendimento de qualquer trecho do Evangelho segundo Marcos, tratar-se-á, nesta seção, do contexto que cerca a perícopes-tema deste trabalho. Num primeiro momento, dentro do escopo da obra marcana, o trecho do Evangelho será localizado; num segundo momento, delimitar-se-á a perícopes apontando as características que a distinguem dos trechos anteriores e posteriores; num terceiro momento, será feita uma análise literária e de conteúdo, buscando observar os verbos e elementos textuais que estruturam o texto; num quarto momento, será feita uma análise teológica e intertextual; num quinto, e último momento, será feita uma atualização hermenêutica com a intenção de situar o leitor e convidá-lo a perceber-se diante do texto.

2.1. A perícopes na obra

De acordo com a divisão feita neste trabalho, a perícopes escolhida se encontra na subida da montanha em busca do topo, motivada pela investigação interior acerca da identidade de Jesus. O leitor encontra-se caminhando junto com os discípulos na Galileia, primeira sessão da primeira parte.

Mas precisamente situados diante das controvérsias em Cafarnaum (2,1–3,6), os discípulos e o leitor, estão prestes a retornar à Nazaré com Jesus (3,7–6,6). Esta sessão é marcada, principalmente, por cinco encontros acalorados com os escribas, fariseus e outros grupos político-religiosos. As controvérsias giram em torno da autoridade de Jesus para perdoar pecados, de sua convivência com os pecadores, do descumprimento do jejum por seus discípulos e por seus feitos em dia de sábado.²⁷

²⁷ BROWN, R. E., *An Introduction to the New Testament*, p. 130.

Na busca da identidade de Jesus, encontra-se com alguém que não se encaixa nas expectativas religiosas de seu tempo, levando fariseus e herodianos a tramarem um plano para destruí-lo. Neste sentido, a proclamação do reino de Deus não encontra apenas oposição num plano espiritual de combate com demônios, mas também resistências entre os seres humanos, direcionando assim essa oposição a Jesus como líder daquele grupo.²⁸

2.2. Delimitação

A controvérsia a respeito dos feitos de Jesus em dia de sábado aparece em duas perícopes desta sessão: Mc 2,23-28 e Mc 3,1-6.

Em Mc 2,23-28, os discípulos estão caminhando com Jesus e passam pelas plantações quando são avistados pelos fariseus, enquanto arrancavam algumas espigas. Já em Mc 3,1-6, o palco principal é a sinagoga, com uma ênfase inicial na entrada de Jesus nesse recinto. As anotações de lugar, diferentes em uma e na outra narrativa, levam a separá-las em perícopes distintas.

Em Mc 2,23-28, os discípulos aparecem como agentes atuantes na perícopes, pois os fariseus atribuem um juízo de valor sobre Jesus a partir das ações tomadas pelos discípulos. Já em Mc 3,1-6, a presença dos discípulos quase passa despercebida, a não ser por um verbo usado no plural quando o evangelista descreve a saída deles na sinagoga: “Ao se retirarem” (Mc 3,6).

A perícopes subsequente é Mc 3,7-12. Nela, novamente, há uma mudança na anotação de lugar, mas também se encontra um novo personagem, a multidão que seguirá Jesus. A perícopes posterior está bem delineada e ajuda o leitor a estabelecer uma divisão clara entre os episódios.

2.3. Análise literária e de conteúdo

Em Mc 3,1-6, vê-se uma cena aparentemente repetida, pois, em Mc 1,21 Jesus também entra em uma sinagoga e realiza uma cura. A diferença principal entre as duas perícopes pode ser vista quando se compara as reações: o espanto e curiosidade inicial dão lugar a uma conspiração para destruir Jesus.

Três são os personagens principais no relato da cura do homem da mão seca, Jesus, o homem que será curado e o grupo dos fariseus e herodianos. Um detalhe fundamental sobre a tradução da única característica dada sobre este homem é que *ἐξηραμμένην* foi traduzida por atrofiada na Bíblia de Jerusalém,

²⁸ BROWN, R. E., An Introduction to the New Testament, p. 130.

mas este termo significa seca ou ressequida. Embora, aparentemente, não se encontre nisto grande diferença, pois, objetivamente, a mão daquele homem se encontrava doente, paralisada e sem vida, o termo seca ou ressequida aparece duas vezes como característica definidora deste homem sem nome e pode abranger a compreensão teológica posterior.

O verbo utilizado pelo evangelista para designar a atitude dos fariseus e herodianos é *παρετήρουν* que quer dizer observar, porém essa observação em vista de uma acusação também pode ser traduzida como um estar à espreita.²⁹ Mesmo se os grupos dos acusadores só sejam mencionados no versículo final da perícopa, através desta atitude é que se categorizará uma distinção entre aqueles que desejam conhecer livremente Jesus e aqueles que vão ao seu encontro com a intenção de achar algo para destruí-lo.

Depois de fazer duas perguntas fundamentais aos que o espreitavam e contemplar o silêncio deles, dois são os sentimentos de Jesus: *οργής*, que quer dizer fúria ou ira, e *συλλυπούμενος*, que quer dizer estar luto ou estar triste. Ambos os sentimentos são experimentados por Jesus, segundo o evangelista, ao contemplar a *πωρώσει*, que significa dureza, do coração daqueles homens. O sentido figurado desta expressão está posto para significar uma perda do senso moral, da honestidade e da honra, implicando um estado de corrupção e desmoralização.

Por fim, um elemento estruturador para esta perícopa é a palavra grega designada para descrever a realização do milagre. Mesmo se sentindo enfurecido e em luto, Jesus se dirige ao homem e pede que estenda sua mão; ao fazer o que havia sido pedido, sua mão é *ἀπεκατεστάθη* que quer dizer restaurada. Aqui, pode-se encontrar uma síntese da missão de Jesus ao ser enviado para restaurar todos os homens de mão ressequida e que, mesmo fazendo somente o bem, foi condenado e morreu na cruz.

2.4. Análise intertextual e teológica

No caminho para descobrir a identidade de Jesus, o leitor se encontra, juntamente, com os discípulos, em uma situação tensa. Após alguns confrontos, o Nazareno entra novamente em uma sinagoga em dia de sábado e se encontra com um doente, um homem com a mão seca. Este homem não é apresentado por nenhuma característica senão esta; não se sabe seu nome, nem de onde é, nem para onde vai, somente que sua mão, por algum motivo, está ressecada. Sua condição e sua característica literária de inominado podem indicar uma

²⁹ COLLINS, A. Y., Mark, p. 206.

reflexão central para esta perícopes, mas para alcançar este resultado será necessária a ajuda de outros textos bíblicos.

O Evangelho segundo Marcos, assim como outros textos do Novo Testamento, é rico em intertextualidade. Diversas vezes o evangelista cita ou alude a textos do Antigo Testamento, por exemplo, para adicionar e dar um sentido específico à uma ou outra passagem. Dentro deste Evangelho, porém, percebe-se uma presença muito atuante de relações intertextuais com os salmos. A referência mais conhecida está no grito de abandono de Jesus na cruz, quando o autor cita o salmo 22, 2: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste”. Outras referências podem ser encontradas na segunda multiplicação dos pães (Mc 8,1-10; Sl 78,29), na entrada messiânica em Jerusalém (Mc 11,1-11; Sl 118,25-26), na parábola dos vinhateiros homicidas (Mc 12,1-12; Sl 118,22-23), na discussão com um escriba sobre o primeiro mandamento (Mc 12,28-34; Sl 40,7-9) e em seu ensinamento no Templo aos escribas (Mc 12,35-37; Sl 110,1).

Em Mc 3,1-6, o homem da mão seca parece representar uma consequência da promessa-maldição feita no salmo 137, intitulado de canto do exilado: “Se eu me esquecer de ti, Jerusalém, que me seque a mão direita”. Este salmo tem esse título por ter sido composto, provavelmente, logo após o exílio judeu na Babilônia no ano de 586 a.C., no qual a experiência de exilados ainda estaria recente e muito dolorosa. A experiência de estar longe da cidade na qual a presença de Deus era real, tornava-se um verdadeiro tormento para aquele povo, pois também em Jerusalém estava a sua identidade. Por este motivo, percebe-se que a terra prometida é o elemento central capaz de sustentar toda nação na esperança de um dia retornar ao lugar que Deus preparou para ela.³⁰

Este homem inominado, que estava na sinagoga em pleno sábado, parece ser identificado somente pelo elemento que também é uma característica daqueles com os quais Jesus entrará em confronto. A distância de Jerusalém não era mais somente a física, por estarem na Galileia, mas era também uma distância existencial; a mão daquele homem havia secado por ter se esquecido de Jerusalém, mas também este é um retrato dos antagonistas da perícopes. Esquecer-se de Jerusalém significa esquecer da presença de Deus e, conseqüentemente, de toda história salvífica que o povo percorreu com o Senhor, fazendo com que impusessem sobre os homens fardos pesados que nem mesmo eles eram capazes de carregar (Mt 23,4). Ao convidar o doente para o centro, pedagogicamente, Jesus deseja trazer à tona a reflexão que já o acompanha desde a perícopes precedente: “O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado” (Mc 2,27).

³⁰ PASSETO, E., O significado de Jerusalém na Bíblia e na tradição de Israel.

Encontram-se aqui dois elementos fundamentais para a narrativa; são eles: o legalismo e a hipocrisia. Ambos os elementos podem ser identificados nas perguntas centrais que Jesus faz a seus adversários: “É permitido, no sábado, fazer o bem ou fazer o mal? Salvar a vida ou matar?” (Mc 3,4).

O legalismo pode ser definido como uma “adesão estrita, literal ou excessiva a uma lei ou um conjunto de leis; atribuição de valor excessivo às prescrições ou aos procedimentos formais; observância rígida de doutrinas ou práticas religiosas; fixação excessiva em códigos de conduta”.³¹ Mesmo sabendo que os fariseus e herodianos só serão citados no último versículo da perícope, a ligação direta entre o legalismo e estes grupos religiosos e políticos não seria honesta, pois “os estudiosos da Bíblia nos informam que, no tempo de Jesus, havia discussões entre os próprios fariseus sobre o que era permitido no dia de sábado”.³² Entretanto, é possível afirmar que, nesta dedicação ao perfeito cumprimento da lei, muitos podem ter esquecido seu ponto central e a pergunta de Jesus acerca do bem ou do mal que é permitido fazer em dia de sábado tem a intenção de recolocá-los diante do entendimento de que a lei foi feita para o homem e nunca deve marginalizá-lo.

Na maioria das vezes, a hipocrisia anda lado a lado com o legalismo. A clareza desta afirmação pode ser vista no final do versículo seis, quando ainda em pleno sábado os fariseus e herodianos imediatamente conspiraram contra Jesus para destruí-lo. A pergunta de Jesus, à luz deste acontecimento posterior, traz à tona a verdadeira intenção por trás do legalismo: a morte. O sábado, que foi feito para o homem, é transformado em ocasião para planejar um assassinato. O silêncio dos antagonistas é preocupante, pois “Jesus espera uma resposta dos fariseus. Ele deseja a conversão desses homens. Mas os preconceitos, o orgulho e os interesses tornam-nos cegos à verdade”.³³ O evangelista descreve Jesus como furioso e de luto por conta da podridão do coração daqueles que ali estavam, porém, a forma como a cura se dá é o elemento chave para a compreensão daquilo que o autor reflete.

“Estende a mão”. Ele a estendeu e sua mão estava curada” (Mc 3,5). O milagre acontece quando o homem faz um movimento que parecia ter esquecido, pois esquecer-se de Jerusalém – como todo seu significado – é esquecer-se do próximo. Por outro lado, o movimento de estender a mão ao próximo, em uma atitude de caridade fraterna, significa carregar Jerusalém no coração (Jr 51,50). A pedagogia de Jesus convida o homem à novidade de sua mensagem: é estendendo

³¹ MICHAELIS, Legalismo.

³² COLAVECCHIO, R. L., O caminho do Filho de Deus, p. 53.

³³ COLAVECCHIO, R. L., O caminho do Filho de Deus, p. 50.

a mão ao próximo que ama a Deus, ou seja, que se cumpre toda lei (Mt 22,34-40; Gl 5,14). Jesus, de fato, anda na contramão de seu tempo. Percebe-se isso quando “Marcos diz-nos que Jesus foi considerado perigoso tanto pelo poder religioso como pelo poder político”.³⁴ A restauração dos homens de mão seca incomoda demais aqueles que pesavam sobre o povo e, posteriormente, Jesus será condenado.

2.5. Atualização hermenêutica

Mc 3,1-6 traz uma mensagem impactante. Ao leitor contemporâneo é preciso observar os elementos que compõem a perícopes para se relacionar com o texto de maneira honesta. Voltar à Galileia é a missão de todo aquele que deseja conhecer Jesus através da obra marcana, pois é neste espaço que o autor vai delineando sua característica, missão e identidade. Através de suas ações, mais do que de suas palavras, é possível fazer a experiência de encontrar-se com o Senhor.³⁵ Este encontro, porém, deve fazer discernir se a experiência de fé tem deixado o discípulo contemporâneo com a mão seca, isto é, se a sua experiência está fundamentada no legalismo.

O legalismo religioso faz com que se perca a centralidade da experiência da fé: o amor de Deus e ao próximo. No âmbito pessoal, é preciso recordar que Deus é rico em misericórdia (Ex 34,6) e que Jesus não veio para julgar, mas para salvar (Jo 12,47), portanto, não se preocupa tanto com a abundância de pecados de alguém e sim com sua disposição para amar (Lc 7,47). Já no âmbito comunitário, o Papa Francisco nos recorda que “no meio da densa selva de preceitos e prescrições – dos legalismos de ontem e de hoje – Jesus faz uma abertura que permite vislumbrar dois semblantes: o rosto do Pai e a face do irmão”.³⁶ Aos homens de mão seca que se encontram nas sinagogas de hoje, é preciso purificar os corações endurecidos pelo legalismo, fazendo o esforço para reconhecer na face de cada irmão o rosto de Deus.

Em Mc 3,1-6, Jesus responde à mesquinhez do legalismo religioso apontando um caminho prático de vivência da fé: estender a mão aos irmãos. Fazendo isso, o leitor evitará o perigo de colocar a forma no lugar da substância e será restaurado pelo Senhor.

³⁴ COLAVECCHIO, R. L., O caminho do Filho de Deus, p. 511.

³⁵ GOMES, R. M., Marcos, p. 20.

³⁶ FRANCISCO, PP., Angelus de 26 de outubro de 2014.

Conclusão

O problema de fundo que se investigou neste estudo pode ser abordado a partir do final do Evangelho segundo Marcos. A indicação dos versículos finais do último capítulo da obra marcana ganham uma evidência significativa frente a este acontecimento: voltar à Galileia é urgente. Observando a peculiaridade da estrutura deste Evangelho, que conduz o leitor à uma única viagem da Galileia a Jerusalém, percebe-se que esta primeira parte apresenta um conjunto significativo de ensinamentos que devem ser resgatados pelos discípulos. Ao deparar-se com a obra marcana, o leitor deve ter em mente um pano de fundo veterotestamentário que pode ser acessado através da intertextualidade, recurso que possibilita uma conexão entre os textos bíblicos.³⁷

Em Mc 3,1-6, a situação encontrada por Jesus é chave para entender os eventos que se sucederão, especialmente na segunda parte do Evangelho. No ambiente sinagoga, é relatado um encontro entre o Messias e um homem, sem nome, que apresentava uma das mãos seca. Os fariseus e os herodianos, grupos religiosos e políticos relatados pelo evangelista, estavam presentes e observavam com atenção as ações de Jesus, porém tendo em vista acusá-lo de curar alguém em dia de sábado, um de muitos preceitos religiosos judaicos e defendidos com muita força por estes grupos. Nesta situação, o nazareno faz perguntas desafiadoras à toda assembleia, incluindo a estes que o observavam para acusá-lo, porém todos se calam. Constata-se, neste ponto, a problemática central a ser desenvolvida: a podridão do coração dos antagonistas de Jesus.

A ausência de nome daquele que é curado quer mostrar que a situação não é pontual de um homem só, mas de todo aquele povo a quem Jesus se dirigia. A experiência do povo de Israel durante o exílio da Babilônia produziu muitos escritos que se tornaram chaves para a tradição e, entre eles, está o salmo 137(136). Neste salmo, lê-se uma promessa-maldição: “Se eu me esquecer de ti, Jerusalém, que me seque a mão direita!” (Sl 137,5). Jerusalém, neste contexto, deve ser entendido como o lugar da terra prometida, o lugar do Templo e, por isso, o lugar da relação com Deus. A cura-resposta de Jesus ensina através de suas ações, ajuda o leitor a redescobrir onde está Jerusalém e orientar suas ações para que nunca se afaste deste lugar privilegiado.

³⁷ GOMES, R. M., Marcos, p. 17.20.

Referências bibliográficas

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BROWN, R. E. **An Introduction to the New Testament**. New York: Doubleday, 1997.

BORTOLINI, J. **O Evangelho de Marcos: para uma catequese com adultos**. São Paulo: Paulus, 2003.

COLAVECCHIO, R. L. **O caminho do Filho de Deus: contemplando Jesus no evangelho de Marcos**. São Paulo: Paulinas, 2005.

COLLINS, A. Y. **Mark: a commentary**. Minneapolis: Fortress Press, 2007.

COMBET-GALLAND, C. O Evangelho Segundo Marcos. In: MARGUERAT, Daniel (Org.). **Novo Testamento: história, escritura e teologia**. São Paulo: Loyola, 2015. p. 45-80.

FABRIS, R. O Evangelho de Marcos. In: BARBAGLIO, G.; FABRIS, R.; MAGGIONI, B. **Os Evangelhos, I**. São Paulo: Loyola, 1990. p. 423-429.

FRANCISCO, PP. **Angelus de 26 outubro de 2014**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2014/documents/papa-francesco_angelus_20141026.html>. Acesso em: 16 nov. 2021.

GNILKA, J. **Marco**. Assisi: Cittadella Editrice, 2007.

GOMES, R. M. **Marcos: o evangelho do Messias inaudito**. São Paulo: Loyola, 2020. (Coleção bíblica Loyola – 77).

IRINEU DE LIÃO. **Contra as heresias: denúncia e refutação da falsa gnose**. São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção Patrística – 4).

MICHAELIS. Legalismo. In: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=legalismo>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

MASCILONGO, P. **Il Vangelo di Marco: commento exegético e teológico**. Roma: Città Nuova Editrice, 2018.

PÁPIAS DE HIERÁPOLIS. Os dois primeiros evangelhos. In: PADRES APOSTÓLICOS. São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção Patrística – 1).



ISSN 2763-9762

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.TeoP.2763-9762.2022v2n4p202

PASSETO, E. **O significado de Jerusalém na Bíblia e na tradição de Israel.**
23 de março de 2014. Disponível em:
<<https://www.abiblia.org/ver.php?id=7362>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

André Ribeiro Bandeira

Graduado em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco
Recife / PE – Brasil
E-mail: andre.2018150044@unicap.br

Recebido em: 11/08/22

Aprovado em: 03/11/22